

Fall 2019

O Compromisso Espiritano No Diálogo Interreligioso: Olhar Sobre a Caminhada Percorrida

Marc Botzung

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos>

Recommended Citation

Botzung, M. (2019). O Compromisso Espiritano No Diálogo Interreligioso: Olhar Sobre a Caminhada Percorrida. *Horizontes Espiritanos*, 14 (14). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos/vol14/iss14/9>

This Wellsprings is brought to you for free and open access by the Spiritan Horizons (English, French, and Portuguese) at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Horizontes Espiritanos by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.



Marc Botzung, C.S.Sp.
Marc Botzung, C.S.Sp. é atualmente provincial de France. Ele tem interesse em diálogo inter-religioso desde seu treinamento além-mar em Algeria, (1987-89) quando ele encontrou uma sociedade altamente islamizada e a crescente tomada de poder de Islão politizada. Depois de se formar no Instituto Pontifício de Estudos Islâmicos em Roma, ele foi como missionário na República Islâmica de Mauritânia (1997-2008). Co ordenador de relações com muçulmanos (2006-2015) ele era também membro da Comissão para Islão para a conferencia episcopal de África Leste, enquanto ele ensinava no instituto de formação Islâmico Cristão, Bamako, Mali, e também no Instituto Católica em Paris.

*Traduzido do francês pelo P.
Alberto Coelho, C.S.Sp., Lisboa*

Ele reagiu dizendo que como tal tipo de missão não fazia parte da missão da congregação

O COMPROMISSO ESPIRITANO NO DIALOGO INTERRELIGIOSO: OLHAR SOBRE A CAMINHADA PERCORRIDA

Introdução

Há trinta anos, um confrade espiritano perguntou-me com que espécie de missão eu gostaria de me comprometer. Falei-lhe do meu interesse por um contexto fortemente muçulmano, inspirado e estimulado pelo meu estágio na Argélia (1987-1988). Ele reagiu dizendo que como tal tipo de missão não fazia parte da missão da congregação, seria melhor para mim ir ter com os Padres Brancos ou aceitar uma missão mais espiritana. Esta partilha fez-me refletir, a seguir, sobre o que tina podido ser a missão da Congregação no passado e as evoluções que hoje nos fazem integrar o diálogo interreligioso como uma dimensão importante da nossa missão. Com efeito percorreu-se um caminho, na congregação (mas talvez não em toda a sua extensão !), na Igreja e, é claro, na situação do mundo. Ao dizer isso, estou a referir que a nosa congregação discerniu e continua a discernir ainda hoje os sinais dos tempos e que o diálogo interreligioso faz parte do que “o Espírito diz às Igrejas” neste nosso tempo. Tal discernimento, ao longo do caminho e da história tem consequências sobre a missão da nossa congregação, hoje em dia.

Alguns ‘instantâneos’ dum passado longínquo

A carta do P. Libermann dirigida ao rei Eliman de Dakar é uma dessas fontes raras, talvez única, escrita por um dos nossos fundadores a uma autoridade¹ política e religiosa não-cristã. O tom é cortês, respeitoso e a sua forma é simples. A atitude é positiva e de impacto diplomático. O tom é parecido ao que descreve a chegada dos primeiros Espiritanos a Zanzibar quando conseguiram merecer o apreço do Sultão.

Um outro período da história me levou a consultar o *Diretório Geral das Missões*, redigido por Mons. Le Roy, antigo superior geral, e que foi publicado em 1930 pelo seu sucessor, Mons. Le Hunsec. Esta obra, enviada aos espiritanos espalhados pelo mundo inteiro para lhes fornecer as balizas de avaliação das diversas situações da sua vida e do seu apostolado, contém uma descrição dos (homens) públicos que os missionários poderiam de encontrar. No número 66 fala-se dos muçulmanos. Mons. Le Roy começa por referi-los numa descrição genérica: “O Islão é um

*procuremos não perder
o tempo, a paciência
e o dinheiro com os
muçulmanos*

bloco cujo alicerce é a religião e que toma o ser humano como indivíduo, como membro de uma família e de uma sociedade: é isto que constitui a sua força”. Desenvolve a sua tese para concluir em tom severo: “*O Islão esteriliza o terreno que invade*”². Refere, depois, as situações das pessoas que, tomadas individualmente, podem ser de tendências diversificadas. Fala ainda da situação dos moribundos: recomenda que não sejam batizados porque um batismo clandestino não possibilitaria um funeral cristão e corria o risco de suscitar reações hostis contra a Missão. A sua conclusão, no final desta referência aos muçulmanos, parece-me esclarecedora para compreender a reação do confrade citado na introdução: “em qualquer caso, enquanto tivermos infieis verdadeiros para evangelizar, procuremos não perder o tempo, a paciência e o dinheiro com os muçulmanos: tratar de travar o progresso da sua propaganda já será muito”³.

Segue-se o número 67, intitulado, “animistas e feiticeiros”, para os quais escreve:

Aqui, nós estamos em terreno próprio, de há muito previsto e procurado por nós. (...) Os obreiros do Evangelho deverão conhecer a língua local, o país, a tribo evangelizada, as superstições locais, os costumes familiares e sociais, até o nome das aldeias e dos seus chefes, o que, é claro, se terá de fazer pouco apouco, mas sem pausa, e com a ajuda de um caderno de notas e fichas que poderão ser utilizadas, quando forem precisas para cartas, informes, estudos continuados, ao menos pelos sucessores⁴.

*respeitar os costumes
locais, no que eles têm
de bom ou indiferente*

Mons. Le Roy pôs em prática estes conselhos a ponto de ser conhecido pelas suas obras etnográficas. Refere, depois, as atitudes a cultivar: “*Inspirar respeito, afecto e confiança (...)*”⁵ respeitar os costumes locais, no que eles têm de bom ou indiferente⁶.

Não esqueçamos, ainda, que durante o Concílio Vaticano II, Mons. Lefebvre, representante oficial da Congregação do Espírito Santo, como seu superior geral, foi contra as concessões feitas às outras religiões⁷, em concreto rejeitando rotundamente textos da *Dignitatis Humanae*, sobre a liberdade religiosa, texto que ele considerava como sendo um grave desvio da tradição e o da *Nostrae Aetate*, sobre as religiões não-cristãs, que de certa maneira é o seu prolongamento.

Concluo esta primeira parte que nos leva ao Concílio Vaticano II, afirmando que as tomadas de posição, as convicções e atitudes dos Espiritanos sobre o diálogo interreligioso podiam ter tido variantes, mas elas eram provavelmente e simultaneamente de uma grande firmeza nos seus princípios e um *a priori* mais negativo referente às outras religiões e finalmente os comportamentos no terreno podiam ter sido mais respeituosos das situações e das pessoas.

O contributo do Concílio e dos anos seguintes

Não é possível desenvolver aqui como o Concílio Vaticano II abordou a questão da relação com os crentes de outra maneira e em que é que isso está ligado à mudança de paradigma na relação da Igreja com o mundo. Contentemo-nos com voltar aos dois textos já citados mais acima, bem como à encíclica *Ecclesiam suam*, publicada por S. Paulo VI em 1964. A minha opinião é que ela fornece uma chave hermenéutica de leitura do espírito do Concílio, em concreto com a introdução da noção de diálogo.

Gostaria de recordar, no entanto, duas frases famosas do Concílio. A primeira a que abre a Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, nº1:

As alegrias e as esperanças, as dores e ansiedades dos homens deste nosso tempo, especialmente daqueles que são pobres ou oprimidos de qualquer modo, são também as alegrias, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo, e não há nada de verdadeiramente humano que não encontre eco no seu coração. A sua comunidade é edificada com homens. Unidos em Cristo, conduzidos pelo Espírito Santo na sua marcha para o Reino do Pai, portadores de uma mensagem de salvação que urge propor a todos. Desta maneira a comunidade dos cristãos reconhece-se realmente solidária do género humano e da sua história pelos mais íntimos laços⁸.

Este texto implica uma solidariedade com todos, o que inclui também a diversidade de religião, mesmo se esta não é explicitamente mencionada. A seguir vem esta passagem da *Lumen gentium* que define o papel da Igreja no mundo: “A Igreja é (sendo) em Cristo como que um sacramento, ou seja, ao mesmo tempo sinal e instrumento de união íntima com Deus e da unidade de todo o género humano”. (nº 1) O ponto que me parece importante aqui é que a missão da Igreja não se pode reduzir à defesa somente dos interesses de

*a missão da
Igreja não se
pode reduzir à
defesa somente
dos interesses de
um grupo*

um grupo, mesmo que se trate de uma comunidade católica local. Ora pode acontecer que esta comunidade local tenha dificuldade em compreender que é da sua responsabilidade prestar atenção ou dar colaboração a outros crentes... Não apareceu depois do Sínodo sobre Justiça (1971) e onde o trabalho pela justiça será a partir daí elemento “constitutivo” do anúncio do Evangelho. O anúncio do Evangelho aconteceu deitando mão de canais diversos, em palavras e atos.

Estes diversos textos têm impacto na maneira de conceber a Missão da Igreja e pouco a pouco vão ser recebidos na vida da Congregação, que a vai exprimir de maneira variada na atualização do seu carisma, agora mais que antes. Ao estudar os arquivos gerais da Congregação em Chevilly-Larue (França), os arquivos de Mons. Miguel Bernard, que foi bispo de Mauritània de 1966 a 1973, depois de ter sido bispo do Congo (Brazzaville), pude constatar como ele procurou levar à prática estas recomendações novas no quadro de uma República Islâmica. Consultou, refletiu com outros a nível regional (África Ocidental) e no seio da Congregação, depois sugeriu orientações pastorais originais de acordo com o seu contexto, tendo em conta por um lado alguns sacerdotes, estrangeiros de origem, mas indigitados para o serviço pastoral das comunidades cristãs e outros nomeados para se dedicarem a um estudo mais profundo do país, das suas culturas e da sua religião (Islão).

Seria conveniente sublinhar também que a Congregação teve no seu seio algumas personalidades que trabalharam oara que o diálogo interreligioso fosse uma parte da Missão espiritana, muitas vezes unindo a experiência adquirida no terreno com a reflexão teológica ou pastoral. Vou citar sobretudo: René You (Argélia), Raimundo Zimmermann (Maurícia), John O'Brian (Paquistão), Roberto Ellison (Gambia), Patrick Hollande (Senegal), mas seria necessário acrescentar ainda os nomes daqueles, provavelmente mais numerosos, que exprimiram um profundo interesse pelos encontros com as religiões tradicionais.

a Congregação teve no seu seio algumas personalidades que trabalharam oara que o diálogo interreligioso fosse uma parte da Missão espiritana

A (nova) Regra de Vida Espiritana

Este trabalho teológico e a experiência pastoral sobre o terreno permitiram integrar o diálogo interreligioso como parte integrante da missão da Congregação a quando da publicação da Regra de Vida Espiritana (RVE), cujo conteúdo foi discutido no Capítulo geral de 1986°. Os números atingidos são:

*Nalgumas circunstâncias
não se nos permite
anunciar explicitamente
a Boa Nova pela palavra*

- RVE 13.1: “Aceitamos como nossos os matizes atuais da Missão da Igreja: (...) a Missão como diálogo”. A decisão é importante, porque o que está em questão não é o diálogo (entendido aqui como interreligioso) como um instrumento, mas como uma finalidade da Missão !
- RVE 15.3: “Nalgumas circunstâncias não se nos permite anunciar explicitamente a Boa Nova pela palavra. Nesse caso permanecemos mudos na certeza de que o Espírito Santo nos precede e que a nossa presença é testemunho e serviço em nome do Evangelho para o Reino” (*Ad gentes*, 6). Este artigo parece-me que se refere diretamente à experiência dos Espiritanos presentes em contexto fortemente islamizado, como por exemplo a Argélia ou a Mauritânia. A inscrição destas experiências na Regra de Vida Espiritana autentica a sua realidade missionária como verdadeiramente espiritana.
- RVE 16.3: “Nós dialogamos e colaboramos lealmente com os responsáveis os crentes das outras religiões, bem como com aqueles que não acreditam em Deus ; e estamos confiantes que o Espírito Santo nos conduz, a uns e outros, para a verdade plena” (cf. Jn, 13)
- Convém citar igualmente RVE 16.1: “Para que o testemunho cristão atinja os homens na sua cultura e se torne uma força libertadora na história atual de cada povo, favorecemos com todos os meios ao nosso alcance um encontro fecundo entre o Evangelho de Cristo e as tradições culturais e religiosas locais.” Este artigo refere-se provavelmente antes demais à relação com as religiões tradicionais, mas não exclui um diálogo fecundo com as tradições religiosas da humanidade. Este diálogo aborda algumas vezes os elementos meramente exteriores, mas é necessário ver também no texto uma alusão a diálogos íntimos, numerosos, vividos pelos crentes confrontados, até ao mais profundo de si mesmos, com diversas adesões, pertenças e convicções.

*favorecemos com todos
os meios ao nosso
alcance um encontro
fecundo entre o
Evangelho de Cristo e
as tradições culturais e
religiosas locais*

Mudanças relevantes nas religiões do mundo inteiro.

Depois da época do Concílio, muitas evoluções transformaram radicalmente o mundo, em concreto as religiões, e isso teve um impacto na maneira de refletir da Congregação. Citemos o fim da aventura de paradigma marxista e ateu que apresentava as religiões como sistemas de opressão que inexoravelmente caminhavam para o seu ocaso ; um forte crescimento demográfico que continua a transtornar os equilíbrios religiosos mundiais através da pendente da emigração ; enfim, do lado do Islão, as mutações profundas ainda em curso: emergência de um islão político depois da revolução iraniana (1979), difusão de um islamismo wahabita graças ao dinheiro proveniente do petróleo do Golfo, a evolução sempre mais radical de grupos milenaristas¹⁰, ultraviolentos (al Qaeda, Daesh, Boko Haram, Ash-Shabâb, etc.). O Islão de hoje em dia não é de maneira nenhuma o dos anos de 1970.

Entre as mudanças religiosas acontecidas recentemente, é evidente que seria necessário falar da secularização crescente, particularmente no Ocidente, mas não só, da formidável vitalidade das Igrejas protestantes do Despertar e do impacto da internet e dos meios de comunicação atuais sobre o facto religioso.

Encontros espíritanos internacionais dedicados ao diálogo interreligioso e algumas publicações.

Muitos encontros internacionais têm sido organizados pela Congregação para permitir a partilha de experiências, conhecer situações e pessoas, em resumo integrar a dimensão do diálogo interreligioso na vida concreta da Congregação. Muitos desses encontros deram lugar a publicações¹¹. Recordemos os seguintes:

- Dakar (Senegal), Julho de 1985, “encontro sobre a Missão e o Islão”. Participaram confrades da Argélia, Mauritânia, Senegal, Gambia Nigéria e Maurício¹².
- Chevilly-Larue (França), Novembro de 1991, “Encontro espíritano sobre a primeira evangelização”, que abordou muito genericamente a realidade das religiões tradicionais¹³.

Muitos encontros internacionais têm sido organizados pela Congregação para permitir a partilha de experiências, conhecer situações e pessoas, em resumo integrar a dimensão do diálogo interreligioso na vida concreta da Congregação

- Banjul (Gambia) Julho 2002, Colóquio “Os Espiritanos e o Islão”¹⁴.
- Roma (Itália) Setembro de 2011, “Encontro sobre o diálogo interreligioso e o diálogo com as culturas”¹⁵.

O encontro de Dakar em 1989 tinha iniciado um processo de partilha e apoio mútuo para os confrades que vivem em contextos islâmicos. O de Banjul sobreveio alguns meses depois dos acontecimentos de 11 de Setembro de 2001. Teve dimensões mundiais (com participantes, a par de então, vindos da Europa, das Filipinas etc.) e integrou, cada vez mais, a ascensão do Islão político com as suas expressões violentas em diversos lugares, concretamente na Nigéria e na Argélia. Constatou-se, ainda, que o compromisso espiritano na relação com o Islão era aceite, em grande parte, pela Congregação. O encontro de Roma ultrapassou o quadro islâmico para se abrir a outros horizontes mais amplos como o encontro das culturas. Integrou ainda olhares críticos sobre expressões religiosas e redigiu propostas concretas aceites em boa parte pelo Capítulo geral de Bagamoio (2012).

Este olhar crítico merece ser continuado para não desembocar em diversas infantilidades e ilusões. Transcrevo algumas frases:

*as práticas religiosas
por si mesmas
podem ser fonte
de opressão e
marginalização*

*se o diálogo é um
espírito e uma arte
de viver, a nossa
vida quotidiana e
o nosso método de
trabalho falarão
mais alto que as
nossas palavras*

Esta chamada de atenção coloca ainda em realce que as práticas religiosas por si mesmas podem ser fonte de opressão e marginalização. Por isso, não se trata de se contentar com conhecer as situações, mas sim de ter um olhar crítico sobre os mecanismos que as sustentam para as pôr em questão e fazer-se advogado dos pobres. Evidentemente isso diz respeito também à vida da Igreja (clericalismo, autoritarismo comunitário, exploração). Para ser credível o diálogo interreligioso não poderá contentar-se com ideias e discursos. Ele exige a transformação da vida quotidiana e a *melhora das condições de vida das pessoas*. Poderemos multiplicar as iniciativas comuns: projetos de desenvolvimento, luta contra a pobreza, respeito pelo ambiente e reflorestação, trabalhos de diversão e de sanidade pública etc. Em resumo, se o diálogo é um espírito e uma arte de viver, a nossa vida quotidiana e o nosso método de trabalho falarão mais alto que as nossas palavras. Os nossos métodos são ou não diálogo?¹⁶

A minha experiência como coordenador espiritano para o diálogo com os muçulmanos.

O encontro de Banjul (2002) tinha pedido que fosse nomeado um confrade para garantir uma ligação entre os participantes e, mais ainda, com todos os Espiritanos envolvidos no encontro com os muçulmanos. René You foi escolhido e iniciou a sua posta em prática (2002-2006). O desenvolvimento da internet começava a facilitar os contactos e a difusão de informação. Um assunto mereceu uma chamada de atenção particular: a questão da formação especializada servindo-se da pesquisa de informações sobre os lugares susceptíveis de acolher confrades especializados ou quase, no diálogo islamo-cristão. Eu sucedi-lhe assumindo esta responsabilidade e difundi 4 a 6 mensagens anuais através de um endereço eletrónico específico (csspislam@gmail.com). O conteúdo difundido podia versar sobre experiências, textos diversos (incluindo o texto difundido cada ano pelo Conselho pontifício para o diálogo interreligioso por ocasião de 'Ayd al-Adha/Tabaski), a difusão de um vídeo, mais raramente, etc. Deixei de enviar estas mensagens em 2015, a quando fui eleito para provincial de França, uma vez que não dispunha do tempo necessário para tal trabalho. Já depois do Capítulo geral de Bagamoio, o Conselho Geral propôs-me alargar o tema e o círculo dos correspondentes a toda espécie de diálogo religioso. Eu opus-me a esta iniciativa porque ela ultrapassava os meus conhecimentos e capacidades.

Ser-me-á possível tirar algumas conclusões desta experiência? Certamente que é preciso um mínimo de coordenação entre os Espiritanos que trabalham no diálogo interreligioso. Com efeito, ela permite ao mesmo tempo recolher e difundir informações úteis a uma lista suficientemente ampla de confrades (uns 200 endereços nos meus tempos...). A tradução dos textos (Francês e Inglês) podia quicá oferecer dificuldade. A confeção de uma lista de endereços dos confrades interessados foi preferida ao envio indiscriminado de informações a todos. Convém filtrar e libertar-se de informações que podem abafar a informação. Optámos portanto, por um público concreto, mas que inclui confrades que não se encontram em situação de diálogo. Um coordenador está em condições de ajudar os recém-chegados a este campo, através de conselhos ou transferindo para eles informação já recolhida anteriormente.

Parece-me necessário que, periodicamente, no conteúdo difundido se revejam os fundamentos cristãos e espirituais do diálogo e as suas motivações

Parece-me necessário que, periodicamente, no conteúdo difundido se revejam os fundamentos cristãos e espirituais do diálogo e as suas motivações. A razão de tal revisão é que, tanto de parte dos cristãos que encontramos como entre os outros crentes, as resistências são muitas. Como disse o Bispo Augustine Shao, de Zanzibar, trabalhar no diálogo é muitas vezes ir contra a corrente. Ora, isso cansa ; daí a necessidade de desenvolver uma espiritualidade do diálogo que enriqueça os encontros realizados.

Ter um coordenador, finalmente, permite estar vigilante sobre as informações, sobretudo as especializadas, no domínio da língua árabe ou dos estudos sobre o islão ou mais amplamente sobre o diálogo interreligioso. Isso permitirá também saber se os confrades de facto se formam ! É claro que o coordenador deve estar bem informado e que tal trabalho deve fazer parte da sua agenda habitual. Sem tempo disponível não lhe será possível realizar as pesquisas (das informações) para tal difusão.

Conclusão

Apresento quatro pontos à guisa de conclusão e de abertura:

1. A assembleia espiritana realizada em Dezembro de 2018 em Zanzibar (Tanzânia) para partilhar experiências de diálogo interreligioso estava composta, em grande parte, de numerosos jovens de horizontes diversificados, sobretudo africanos. Sinal manifesto de que os jovens espiritanos nestes últimos anos se têm dedicado ao diálogo religioso. Os pioneiros, muitos europeus, já desapareceram. Hoje em dia a iniciativa foi assumida por outros de horizontes diferentes.

2. O trabalho foi fecundo. Para conseguir tal fruto no campo do diálogo religioso, foi preciso perseverar, dedicar-se através de uma relação que implicou ao mesmo tempo o terreno e o estudo para desembocar no fruto. Tal como diz o Evangelho : “Quem semeia pouco, colherá pouco. Quem semeia muito colherá muito”. Dedicar-se às culturas, à religião, às línguas de quem nos acolhe, vale mais do que discursos ; o nosso interesse é desse calibre.

foi preciso perseverar, dedicar-se através de uma relação que implicou ao mesmo tempo o terreno e o estudo para desembocar no fruto

3. Estamos a recolher hoje os frutos do que plantámos há muitos anos. A nomeação para cardiais dos bispos de Maurícia, (Mons. Maurício Piat) e do Bangui (República Centro-Africana) Mons. Dieudonné Nzapalainga, significa que o investimento espiritano em matéria de diálogo interreligioso foi fecundo. Agora está reconhecido pela Igreja universal e nalguns lugares (Bélgica, França, Camarões, Mauriânia Maurício), dos espiritanos aguarda-se esta competência e esta perícia.

*Não são as religiões
que dialogam. São
as pessoas. Para
perseverar no diálogo
é preciso aprofundar
as relações com
pessoas concretas*

4. Não são as religiões que dialogam. São as pessoas. Para perseverar no diálogo é preciso aprofundar as relações com pessoas concretas ; por outras palavras, conseguir amigos: pessoas simples, pobres talvez ou líderes religiosos. Sem esta pedra de toque, bem viva e convivial que é a amizade, é difícil perseverar e continuar a crer que esta relação é possível. Quer dizer, ao fim e ao cabo, do que se trata é a experiência de que através destes diálogos fazemos vida comum com os outros.

*Marc Botzung, C.S.Sp.
Paris*

Notas de Rodapé

¹Carta com a data de Janeiro, 1848. Um rascunho foi guardado. Ver ND, X, 22-26. Paris, 1940

²*Directório geral das Missões.*

³Ibid.,115

⁴Ibid.

⁵Aqui fica o resto da citação: "...obrigando-se em consciência a evitar tudo o que possa distanciar-nos da religião que representamos ; daí a necessidade de ser sempre justo, fiel à palavra dada, paciente, livre de toda a ira ou brutalidade, sem rancor, sem preferência e sem debilidade".

⁶Ibid.

⁷A sua oposição a algumas evoluções do Concílio não foi representativa do pensar de todos os confrades, nem mesmo de todos os bispos espiritanos presentes no Concílio. É difícil imaginar, no entanto, que fosse o único a pensar assim...

⁸A versão inglesa dos documentos de Vaticano II provém de Walter Abbot, S.J., London: Chapman, 1966.

⁹A promulgação da nova RVE foi precedida, alguns meses antes, da publicação de I/D 39, Roma, Junho 1985, "diálogo-Como as Fronteiras da Evangelização" (4 pp.). Tal boletim provavelmente tinha em vista a preparação do Capítulo geral.

¹⁰Chamamos milenaristas alguns movimentos islâmicos contemporâneos que desenvolvem um imaginário simbólico e uma ação que corresponde à compreensão dos tempos em que vivemos, como sendo o fim dos tempos, tempos da batalha final entre as forças do mal e as forças do bem. Na nossa opinião, estes movimentos radicais, hiper-violentos, marcam a rotura com o Islão político da Irmandade Muçulmana, no que diz respeito à visão política de outros partidos, a aceitação de compromissos, e.t.c.

¹¹Tres documentos sucessivos foram dedicados ao tema do diálogo. Dois deles trataram do diálogo interreligioso como veremos ; um documento I/D 47, Roma, Janeiro 1991, até tratará de "Missão e diálogo: diálogo com o mundo moderno". (4 pp.).

¹²Ver *Informações Espiritanas*, nº78, 1989, e I/D 46, Roma Novembro 1990, “Missão e diálogo: diálogo com as religiões não cristãs” (4 pp).

¹³Este encontro deu origem ao I/D, 50, Roma, Junho 1992, “Diálogo e Religiões Tradicionais” (4 pp.)

¹⁴*Vida Espiritana*, 14 “Os Espiritanos e o Islão”.

¹⁵*Vida Espiritana*, 24 “Diálogo Interreligioso,” Roma, Dezembro de 2002.

¹⁶Texto final do encontro em Roma, reproduzido no *Instrumentum Laboris* do XX Capítulo Geral, 38–39